

QUILOMBO, CARNAVAL E RESISTÊNCIA NO BAIRRO DO SAMBA E DO AMOR: CONSTRUÇÃO DE SABERES NA ESCOLA DE SAMBA EMBAIXADA DE SAMBA DO IMPÉRIO PEDREIRENSE-BELÉM-PARÁ.¹

Erica de Sousa Peres

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação
Programa de Pós Graduação em Educação – Universidade Estadual do Pará.
E-mail: ericaperes_22@yahoo.com.br

Diego Rodrigues Macedo

Graduado em Pedagogia
Universidade do Estado do Pará.
E-mail: diegorodrigues922@gmail.com

Resumo:

O referente trabalho busca evidenciar a pesquisa bibliográfica e de campo sobre a educação com interface em uma escola de samba existente no bairro da Pedreira-Belém-Pará, que se configuram como lócus de resistência e saberes ancestrais, visando desvelar a história desses “quilombos urbanos” que contribuíram e/ou contribuem para que se viabilize um conhecimento de histórias negadas, silenciadas e excluídas do contexto educacional, que ecoam no cotidiano da sociedade em forma de racismo e discriminação.

Palavras-Chave: QUILOMBO; ESCOLA DE SAMBA; SABERES.

INTRODUÇÃO

O presente estudo está sendo realizado na escola de samba Embaixada de Samba do Império Pedreirense, situada no bairro da Pedreira, na cidade de Belém. O bairro em questão é reconhecido por historicamente abrigar a presença do negro bem como seus signos culturais.

A construção deste trabalho utiliza-se da intenção de comprovar que mesmo no cenário urbanizado e contemporâneo das grandes cidades ainda é possível encontrar espaços de resistência e preservação da negritude que possam se assemelhar, através do estudo teórico sobre quilombos e as semelhanças com o espaço da escola de samba, ao que se conhece sobre territórios quilombolas e ainda investigar os saberes presentes neste mesmo espaço.

Deste modo a investigação ocorre objetivando traçar a semelhança entre a escola de samba e os quilombos no sentido de preservação cultural, identitária e coletiva e refletir sobre as redes de saberes que são construídos no local através das interações socioculturais da comunidade envolvida.

¹ PROJETO DE PESQUISA

O lócus da pesquisa será a escola Embaixada de Samba do Império Pedreirense, instituição atuante no carnaval paraense desde 1951, onde seus componentes, entre eles, baianas, músicos, compositores, artesãos, carnavalescos, assim como a própria comunidade serão fontes de estudo sobre as construções cotidianas, culturais e de saberes neste espaço.

DESENVOLVIMENTO

É importante ressaltar que os negros nunca aceitaram viver na opressão e submissão ao sistema dominador, como podemos ver sua resistência expressa na formação dos quilombos brasileiros, os quais Arruti (2008) vem dar um conceito sobre a categoria quilombo de acordo com as primeiras leis do Brasil no período colonial “Na legislação colonial para caracterizar a existência de um quilombo bastava à reunião de cinco escravos fugidos ocupando ranchos permanentes, mas, depois, na legislação imperial, bastavam três escravos fugidos, mesmo que não formassem ranchos permanentes”. (ARRUTI, 2008, p. 4). Nesse sentido, Munanga (1996) vem colaborar com o estudo afirmando que os quilombos foram formas de resistência encontradas pelos escravos para que pudessem viver em liberdade e expressar sua cultura:

Escravizados, revoltosos, organizaram-se para fugir das senzalas e das plantações e ocuparam partes de territórios brasileiros não povoados, geralmente de acesso difícil. Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em espécie de campo de iniciação a resistência, campos esses abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos), prefigurando um modelo de democracia plurirracial que o Brasil ainda está a buscar (MUNANGA, 1996, p. 63).

Nessa época, ocorreram muitas lutas dos negros africanos contra o domínio e a opressão de sua cultura, e podemos ver a materialização dessa resistência até hoje nos quilombos e/ou comunidades quilombolas espalhados ao longo do Brasil e no espaço urbano temos nas escolas de samba que resistem mantendo traços culturais ligados à ancestralidade, nesse contexto a escola de samba que residem no bairro da Pedreira mantém ligação direta com os terreiros de candomblé e umbanda unindo-se pela história de suas tradições. Porém os quilombos não podem ser vistos apenas pela ótica da resistência e luta contra o sistema escravista da época, mas também como uma estratégia para sobrevivência de sua cultura que podemos comparar com o que temos hoje nos barracões das escolas de samba.

Diante do exposto, a luta decorre em prol de uma educação que tenta superar as estruturas de poder que oprimem inúmeras outras formas de expressão de vida, para isso, é necessário criar

formas locais de convivência baseadas na autonomia que possuem as escolas de samba, no respeito às diferenças.

Segundo Brandão (2002), a escola de samba está enquadrada na cultura carnavalesca, sendo um espaço de educação, de saberes, onde são formados mestres, aprendizes, poetas, compositores, personagens que através de sua produção cultural criam e recriam mundos históricos, lendários, cotidianos diversificados, são, portanto mestres de um universo de saberes.

Então, faz-se necessário perceber os espaços tradicionais como um lócus de saberes importantes, que geralmente estão invisibilizados, marginalizados ou subalternizados, porém possuem rica historicidade e intensa construção de saberes que indubitavelmente precisam ser externados e estudados pela comunidade educacional.

Desse modo a educação não pode se omitir de saberes que são construídos a partir da ancestralidade, da cultura de um povo que construiu a história desse país, como bem destaca Brandão (2002):

educar é criar cenários, cenas e situações em que, entre elas e eles, pessoas, comunidades aprendentes de pessoas, símbolos sociais e significados da vida e do destino possam ser criados, recriados, negociados e transformados. Aprender é participar de vivências culturais em que, ao participar de tais eventos fundadores, cada um de nós se reinventa a si mesmo (p.26)

Nesse contexto a educação amplia-se deixando para trás a ciência moderna como única alternativa de construir o saber e passa a ser um processo amplo e abrangente que considera a vivência cultural dos indivíduos propiciando que estes não silenciem suas histórias e sua ancestralidade.

Para uma educação que considere os saberes e experiências práticas da comunidade que participa da Escola de Samba Embaixada de Samba do Império Pedreirense e dos moradores e/ou comunidade que circunda a escola de samba para que assim a escola possa assegurar-lhes “um saber que se confronte com a pluralidade” de conhecimentos existentes no cotidiano delas, como ressalta Charlot (2000):

adquirir o saber permite assegurar-se de um certo domínio do mundo no qual se vive, comunicar-se com outros seres e partilhar o mundo com eles, viver certas experiências e, assim, tornar-se maior, mais seguro de si, mais independente. Existem outras maneiras, entretanto, para alcançar os mesmos objetivos. Procurar o saber é instalar-se num certo tipo de relação com o mundo; mais existem outros. Assim, a definição do homem enquanto sujeito de saber se confronta a pluralidade das relações que ele mantém com o mundo. (p.60)

Sendo o lazer uma experiência subjetiva, onde a fruição, o prazer e a alegria estão atrelados à vivência e as práticas culturais são elementos vitais que possibilitam o conhecimento de si próprios e da interação com o outro, e com mundo que a circundam.

CONCLUSÃO

Com esse estudo esperamos ampliar as discussões a cerca de uma educação que considera saberes que são pautados na resistência e tradições de um povo que foi escravizado, mas resistiu bravamente e deixou marcas significativas no cotidiano da sociedade atual.

Também existe a intenção de visibilizar os saberes construídos fora da escola e da universidade, ocasionando assim o protagonismo dos sujeitos que constroem saberes dentro das comunidades, das associações culturais e porque não dentro do espaço da escola de samba, rompendo assim com a ideia tradicionalista que o saber somente pode ser construído nos ambientes formais da educação.

A Escola de Samba assim como um quilombo luta e resiste para continuar sendo referência identitária, histórica e cultural para seu povo, desempenhando o ofício de aglutinar os sujeitos ao redor de sua cultura e de suas manifestações tradicionais, corporificando oportunidades de lazer, comunicação, socialização e aprendizado.

Esses espaços representam a resistência cultural em um cenário onde o Estado muitas vezes os negligencia, fato que colabora diretamente para a existência do preconceito, do racismo e da desvalorização do negro e de seus espaços pela sociedade.

REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Mauricio. “Quilombos”. In: *Raça: Perspectivas Antropológicas*. [org. Osmundo Pinho]. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA, 2008.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

HALL, Stuart. Trad. LOURO, Guaracira Lopes; SILVA, Tadeu Tomaz. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo Africano. Revista USP, São Paulo, n 28, p. 56 - 63 dez/fev. 1996.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará**. Sob o regime da escravidão. 3ª edição. Belém: Instituto de artes do Pará, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: Para uma nova cultura política**. 3ed. -São Paulo: Cortez, 2010.

